



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR
Vol. XI (2010)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Donald Warrin, So ends this day. The Portuguese in American Whaling 1765-1927. Dartmouth Mass., Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts, 2010

Ricardo Manuel Madruga da Costa

Como Citar | How to Cite

Costa, Ricardo Manuel Madruga da. 2010. «Donald Warrin, *So ends this day. The Portuguese in American Whaling 1765-1927*. Dartmouth Mass., Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts, 2010». *Anais de História de Além-Mar* XI: 410-414.
<https://doi.org/10.57759/aham2010.37321>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2010. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2010. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

dados apurados muito para além da sua simples constatação. Como ficou dito atrás, uma perspectiva mais abrangente teria enriquecido a sua visão e, conseqüentemente, beneficiado a tese, sobretudo em termos comparativos. Compreende-se que a autora não estava habilitada a fazê-lo para a época anterior, o Estado da Índia e a Cochim portuguesa, por desconhecer a língua, mas podia e devia tê-lo feito para a Fort Cochin face aos demais entrepostos da VOC, para os quais havia estudos e sabia neerlandês para explorar os arquivos. Tal só teria posto de relevo o trabalho de Singh e o esforço despendido na elaboração da dissertação. Por estranho que possa parecer, as críticas manifestadas são sintomáticas do apreço da obra em causa e, mais do que isso, das pistas que deixa no ar e do estímulo intelectual que a sua leitura induziu. Qualquer tese que se preze possui estes objectivos e neste ponto a de Anjana Singh cumpriu cabalmente com o seu propósito.

Há cerca de trinta anos a historiadora decana da VOC, M. A. P. Meilink-Roelofs, ao longo de outra extensa recensão chamava atenção aos seus pares para a necessidade de se estabelecer um estudo comparativo sério entre as diversas presenças europeias na Ásia, realçando as suas semelhanças no período pré-colonial¹¹⁰. A obra de Anjana Singh tornou premente o estabelecimento permanente desse diálogo.

JOÃO TELES E CUNHA

Donald WARRIN, *So ends this day. The Portuguese in American Whaling 1765-1927*, Dartmouth Mass., Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts, 2010.

A obra em epígrafe da autoria de Donald Warrin, apresentada em New Bedford no mês de Junho do ano passado, seguindo-se a divulgação nos Açores no mês de Outubro com a presença do autor, constitui, na perspectiva do reconhecimento e da valorização do contributo dos portugueses dos Açores e de Cabo Verde, o mais importante trabalho sobre a história da indústria baleeira americana que alguma vez se editou. Acrescentaria mesmo que, pela primeira vez, no quadro da historiografia americana, se dá conta da verdadeira dimensão deste contributo, já que os autores que até ao presente dedicaram ao tema obras consideradas como de referência obrigatória, apenas assinalam a participação dos ilhéus dos arquipélagos portugueses dos Açores e de Cabo Verde de forma meramente accidental. Bastará recordar Alexander Starbuck (1877), Clifford Ashley (1926) e, mais recentemente, Eric Jay Dolin (2007). Em contraposição, e logo na nota de apresentação que antecede o prefácio do autor, Stuart M. Frank faz notar, generalizando, que o contributo dos açorianos e dos caboverdeanos tem sido frequentemente subestimado, ideia que as citações impressas na contracapa, da autoria de conceituados especialistas, enfaticamente sublinham. De facto, essa omissão tem sido sistemática, embora deva ressaltar-se que o investigador açoriano João Afonso na sua obra de 1998, *Mar de baleias e de baleeiros*, em breve alusão, já o havia reclamado de forma expressiva, aliás na continuidade de importante ensaio por ele elaborado mais de uma década antes, a que deu o título de *Baleação pelos Açores na dinâmica Atlântica desde o século XVIII*.

¹¹⁰ M. A. P. MEILINK-ROELOFSZ, "The structures of trade in Asia in the Sixteenth and Seventeenth centuries. A critical appraisal", in *Mare Luso-Indicum. L'océan Indien, les pays riverains et les relations internationales XVI^e-XVIII^e siècles*, IV, 1980, pp. 1-43.

Todavia, *So ends this day*, é mais do que a formulação de uma convicção ou de um conjunto de afirmações sustentadas na colheita de uma informação que permite intuir que se está em presença de uma realidade apercebida de um modo ainda vagamente consolidado. O que Donald Warrin nos oferece neste livro é uma abordagem sistemática resultante de uma extensa e profunda investigação, privilegiando fontes primárias de uma grande variedade, a suportar a formulação segura de uma tese que vai no sentido da afirmação inequívoca da relevância do contributo dos açorianos e dos caboverdeanos para o sucesso, e mesmo para a longevidade, da actividade da frota baleeira dos Estados Unidos da América pelos quatro cantos do mundo no decorrer de mais de século e meio. Mas adiemos outras considerações para momento oportuno e debruçemo-nos sobre a obra em concreto, sintetizando o que nos revela a sua leitura.

O primeiro capítulo caracteriza a realidade dos arquipélagos sublinhando a sua importância do ponto de vista da localização num contexto que se prende com as limitações da navegação nos séculos XVIII e XIX. Nas secções seguintes do capítulo fica esboçado um historial da baleação americana, a par de uma descrição da actividade e da sua evolução no que toca aos meios, equipamentos, técnicas e recursos, particularizando-se aspectos associados à economia da indústria e dos seus vários intervenientes, em particular quanto ao recrutamento e formas de contratação de tripulantes e à dureza da vida quotidiana a bordo.

No capítulo 2 expõe-se a evolução histórica da indústria, desde a fase pioneira iniciada nos portos de Nantucket e de Martha's Vineyard, assinalando-se a trajectória para o Horn na abertura decisiva para o Pacífico. Neste capítulo introduz-se o tema central da obra, com a presença precoce de portugueses que o autor identifica e que ocorre a par da descoberta dos bancos da Costa da Guiné e dos Açores, respectivamente nos anos de 1763 e de 1765. A problemática relativa aos preconceitos e conflitos resultantes da coexistência de homens das mais variadas origens, confinados ao espaço reduzido e bafiento do lendário "forecastle", não é descurada. Ficam ainda apontados os contornos da Revolução Americana e da Guerra de 1812 com o seu grande impacto na indústria baleeira, a que está também ligada a gradual afirmação da primazia de New Bedford e do seu papel no ressurgimento da actividade.

Na história do desenvolvimento da indústria baleeira dos Estados Unidos, o período que decorre entre os anos de 1835 a 1860, representa a sua idade de ouro, tanto do ponto de vista do seu significado na economia americana, como na expansão extraordinária da frota que ultrapassa os 700 navios. É o tratamento deste período que o capítulo 3 contempla e é neste capítulo da obra que se destaca o Atlântico e a relevância das ilhas e das suas gentes, sobretudo com os açorianos, já que a importância da participação dos caboverdeanos ganhará peso mais significativo a partir da década de 60. Do ponto de vista do contributo dos portugueses das ilhas que o livro analisa, este é certamente um capítulo fundamental. Donald Warrin "percorre" portos e oceanos, surpreendendo com precisão a presença de ilhéus, cada vez mais numerosa, num roteiro por paragens ignoradas até aos confins do Ártico e dando conta da lenta mas significativa ascensão na hierarquia de bordo, ainda que poucas vezes se posicionem para além da categoria de arpoadores. O autor deixa igualmente informação importante e menos divulgada quanto a actividades paralelas que os navios da frota baleeira não enjeitaram, nomeadamente na caça às focas, no rendoso transporte de guano e no envolvimento, certamente ainda mais proveitoso, no transporte de escravos. Os efeitos da "Gold Rush" a partir de 1848 e o seu impacto adverso na indústria baleeira fazem parte da análise que o capítulo nos apresenta, e aqui, de novo, ilhéus dos Açores e de Cabo Verde foram permeáveis ao chamamento do ouro, fazendo do porto de São Francisco uma escala indesejada para os armadores da frota baleeira. O capítulo encerra com aspectos, porventura dos mais fascinantes da narrativa de Donald Warrin, que quase tocam a ficção, como é o da "peregrinação" – o vocábulo é intencional

– de portugueses dos Açores e de Cabo Verde por ignotas paragens das ilhas dos Mares do Sul ou nos inóspitos gelos do Ártico, numa vida aventureira. Estes “beachcombers” trazem à memória, de forma irresistível, os “lançados” da costa africana na época da expansão portuguesa. Eram baleeiros desertores ou simplesmente desembarcados, designadamente em ilhas remotas do Pacífico, contando-se entre eles açorianos e caboverdeanos, traficando e intermediando interesses entre tripulações e nativos, o que dá bem a nota de uma forma de vida marginal a qual, independentemente do juízo moral que sobre isso possa fazer-se, revelam uma ousadia e um arrojo de lenda a sugerir personagens arrancadas às páginas de Fernão Mendes Pinto. Como refere Donald Warrin citando Herman Melville, por paragens que nem a cartografia assinalava.

Não menos relevante do ponto de vista da temática do livro, mesmo referindo-se já ao período de decadência da baleação americana, é o seu capítulo 4. Afinal, o período de declínio é aquele em que a promoção dos açorianos aos postos de comando de navios da frota baleeira ocorre com mais evidência e, também, aquele em que o peso relativo dos caboverdeanos alcança maior vigor. Com a corrida ao ouro na Califórnia e a descoberta do petróleo na Pennsylvania em 1859, quase coincidente com o grande incêndio de New Bedford acontecido dias antes, mais a Guerra da Secessão, acumulam-se condições que determinaram a lenta decadência da indústria baleeira americana. Mesmo assim a actividade prosseguiria e é neste período que o autor identifica uma presença mais vincada de ilhéus, a ponto de contabilizar para o ano de 1865, já depois de terminada a guerra, 88 partidas de vários portos da área de New Bedford com 2658 tripulantes dos quais 688 eram portugueses e, entre estes, 62% açorianos e 22% caboverdeanos. São dados verdadeiramente elucidativos, para além de evidenciarem a crescente presença de açorianos e de caboverdeanos no comando de navios baleeiros. De novo, para este período, o autor faz um percurso pelos portos e rotas na busca de portugueses embarcados, analisando de novo particularismos da vida de bordo e a deriva aventureira de muitos ilhéus por terras do fim do mundo, sem esquecer os episódios trágicos que a arriscada vida de marinheiro e de baleeiro implicava a bordo de navios empenhados em viagens que se arrastavam por anos, muitas vezes sem regresso.

Ainda mais um capítulo assinala o termo da actividade baleeira americana. É curioso notar que alguns dos temas tratados por Donald Warrin, pela sua natureza, condizem com este declinar melancólico de uma actividade outrora tão pujante. Na transição para o século XX, a operação dos navios baleeiros registava uma meia dúzia de saídas que se limitavam à área do Atlântico e com reduzida duração. Afundamentos e naufrágios; motins e deserções; recrutamentos forçados e o oportunismo de “engajadores” na obtenção de mão-de-obra são, de certa forma, sintomas que marcam a degradação de uma actividade a aproximar-se do seu ocaso. Ainda assim, mesmo nestas circunstâncias, são predominantemente os açorianos e os caboverdeanos que prolongam, quer como tripulantes, quer como capitães e oficiais, esta actividade. Neste capítulo final, o autor volta a assinalar factos e circunstâncias que reeditam aspectos da baleação que podem entender-se como que o legado mais ignorado da aventura dos baleeiros das ilhas portuguesas dos Açores e de Cabo-Verde, voltando a identificar os que nesta fase última se derramaram por sítios e paragens de que hoje nem suspeitaríamos.

Terminado este capítulo 5 o livro regista uma conclusão e um epílogo. Nas conclusões o autor faz notar que a indústria ao longo dos anos se manteve, em termos tecnológicos, quase inalterada, mas aponta para um crescente contributo de açorianos, mais acentuado a partir dos anos 30 do século XIX, com lenta promoção na hierarquia de bordo e de caboverdeanos de forma mais notória a partir do último quartel do mesmo século. Deste longo historial ficaram marcas indeléveis desta presença humana em comunidades tão díspares como as da Nova Inglaterra e da Califórnia, mas também, certamente menos reconhecíveis, na Nova Zelândia, Austrália e Alaska.

Como manifestações deste legado Donald Warrin destaca a arte do “scrimshaw”, alcançando por vezes expressões de elevado grau artístico, para além da organização de armações baleeiras em estações localizadas nas costas, tanto das ilhas como da Califórnia. No epílogo o autor tece um comentário final a apontar para o facto de que, afinal, a indústria não se extinguiu; apenas evoluiu tecnologicamente sob outras bandeiras e com outros desígnios.

Completa a obra um conjunto de anexos em que o autor compila uma lista dos portos americanos envolvidos na actividade baleeira; um segundo apresenta a lista de capitães portugueses e luso-americanos e o último dos anexos é constituído por um mapa das viagens realizadas sob comando de portugueses ou de luso-americanos. Um glossário, uma lista de arquivos e uma selecção bibliográfica, mais um conjunto de índices, encerra estas 416 páginas de uma edição cujo conteúdo é enriquecido por alguns mapas e gravuras alusivas ao tema.

Julgo útil e apropriado retomar as considerações iniciais. Esta obra, tão inesperada quanto relevante para a própria história de Portugal nos mares, como refere João Afonso citando Stuart C. Sherman, impõe alguns breves comentários que vão para além do elenco sintetizado dos conteúdos de cada capítulo.

So ends this day é, na verdade, um livro extraordinário e um trabalho notável para o reconhecimento do contributo dos portugueses dos Açores e de Cabo-Verde na história, até agora mal contada, da indústria da baleação americana. É, por isso, um livro que devolve a dignidade e a grandeza do que foi a participação do baleeiro açoriano e cabo-verdeano durante mais de um século de actividade, numa dimensão que não é legítimo subestimar-se.

Importa ainda salientar que o conteúdo deste livro, oferecendo uma clara unidade temática, se desenvolve de modo a consentir uma leitura segundo três vertentes distintas. Temos, antes de mais, uma síntese da própria história da indústria da baleia dos Estados Unidos da América a qual, quando a confrontamos com outras, como por exemplo as dos autores que acima referimos, revela aspectos e detalhes merecedores de valorização, mas que aqueles ignoraram. Contra este pano de fundo, o autor foi “colando” as personagens e os factos da gradual e crescente intervenção que os açorianos e os cabo-verdeanos foram tendo na dinâmica desta actividade representada por uma imensidão de veleiros que lhes “passavam à porta”, num apelo irresistível. Este exercício consubstancia, assim, uma segunda linha de força que é a da intervenção e do protagonismo de gentes bem identificadas que em grande número ajudaram a consolidar e a manter uma indústria tão importante para os Estados Unidos da América. Não é uma história marginal ou um episódio menor da grande aventura *yankee*; é a mesma história e parte indissociável do seu percurso secular. Por fim, este livro autoriza uma terceira leitura, aliás na linha do longo e aturado trabalho de investigação que Donald Warrin desenvolve já há bastantes anos, na busca e identificação de comunidades de açorianos em localidades dos Estados Unidos da América às quais, habitualmente, não se associa a emigração das ilhas dos Açores. A presente obra é um contributo claramente inovador e de grande importância nesta linha temática, desta feita numa visão abrangente que até agora ninguém explorou. Apenas referiremos em brevíssima menção, já que um comentário mais elaborado justificaria um tratamento de pendor mais ensaístico, extravasando o âmbito desta recensão, que a obra de Donald Warrin pela relevância e enquadramento da temática e ainda pela espessura temporal que compreende, convida a uma perspetivação no quadro da História do Atlântico. E para que se compreenda o que afirmamos, será suficiente citar A. Hyatt Verril na sua obra editada há quase um século, *The real story of the whaler*: “Ever the first to penetrate unknown seas and to visit new lands, the whalers were the pioneers of exploration and blazed a trail for commerce, civilization and Christianity to follow”.

Nesta recensão, resta aludir a um aspecto merecedor de grande apreço e cuja avaliação criteriosa revela que Donald Warrin não se poupou a esforços na investigação que realizou. A leitura atenta das mais de 800 notas que apoiam os capítulos da edição, evidenciam um trabalho de pesquisa de uma enorme envergadura. Para além do manuseamento de extensa bibliografia, Donald Warrin privilegiou a consulta de fontes primárias que conferem à sua obra uma credibilidade e uma solidez notáveis. *Log-books* e diários pessoais de tripulantes de navios baleeiros; imprensa da época e *scrapbooks*; registos de passaportes, compilações genealógicas e censos demográficos; registos paroquiais, alfandegários e fontes judiciais; documentos oficiais relativos às sessões do Congresso e fontes consulares; registos de navios e fontes literárias; páginas *web* e entrevistas – tudo isto em trabalhosa recolha, a obrigar a uma morosa itinerância por arquivos oficiais e particulares, de uma costa à outra dos Estados Unidos, Hawaii e Alaska. Ignoro quanto tempo Donald Warrin dedicou a este trabalho baseado numa investigação monumental, mas pode conjecturar-se que esta é a obra de uma vida. Apenas um pequeno reparo: na bibliografia, mesmo sendo uma selecção, caberiam certamente as obras de João Afonso, *Mar de baleias e de baleeiros* e de Eric Jay Dolin, *Leviathan. The history of Whaling in America*.

A natureza da obra agora recenseada justifica que façamos uma referência ao autor; já que o seu percurso académico esclarece e reforça o crédito de que é merecedora. Donald Warrin é, antes de outras qualificações académicas que o tempo permitiu obter, um historiador. Entretanto, tanto o seu mestrado como o doutoramento incidiram sobre as literaturas portuguesa e brasileira, sendo que no ensino, nomeadamente na California State University, se manteve fiel a estas vertentes. É actualmente historiador no Regional Oral History Office da University of California, Berkeley. Extensa e variada a obra publicada, concentrando-se, todavia, na problemática da literatura e cultura portuguesas a que acresce o tema da emigração açoriana.

Por fim, permita-se que sublinhe que a publicação desta recensão nos *Anais de História de Além-Mar* assume significado especial. Interrogo-me, se o protagonismo dos baleeiros portugueses dos Açores e de Cabo-Verde na história da baleação americana, à qual não é possível recusar a marca distinta de um empreendimento verdadeiramente épico, não representa para nós como que um prolongamento ou um capítulo em jeito de adenda, na prossecução da grande aventura do desbravamento dos Oceanos que os portugueses realizaram desde Quatrocentos.

Do que dito fica, esperamos bem e muito justificadamente, que o editor e que a FLAD –Fundação Luso-Americana, como patrocinadora, se apressem na urgente iniciativa da tradução desta obra que passa a ser incontornável na bibliografia sobre os temas que a sua leitura suscita.

RICARDO MANUEL MADRUGA DA COSTA